

vejasaopaulo.com
21 de março de 2018



veja São Paulo

A PEQUENA
SEREIA

PETER
PAN

CHAPLIN

A NOVIÇA
REBELDE

MPB — MUSICAL
POPULAR
BRASILEIRO

S
E
N
A

Myra Ruiz,
Reiner Tenente,
Fabi Bang,
Hugo Bonemer
e Mateus Ribeiro:
nos teatros
da cidade

AS NOVAS ESTRELAS DA BROADWAY PAULISTANA

Os artistas das estreias musicais da temporada se desdobram
entre os palcos, as telas e até o mundo acadêmico

MUSICAIS E VERSÁTEIS

A nova geração da nossa Broadway domina o canto, a dança e a atuação, mas também quer mostrar talento na TV e no cinema

Dirceu Alves Jr. Fotos Leo Martins

ra uma vez o sonho da Broadway paulistana. No início dos anos 2000, os palcos da cidade conheceram superproduções, a maioria replicando fórmulas aprovadas em Nova York e Londres. *Les Misérables*, *Cats* e *A Bela e a Fera* são exemplos de espetáculos que agradaram aos espectadores e geraram empregos duradouros a artistas de gogó afinado, capazes de dançar e interpretar. Uma mudança começa a ser percebida entre os protagonistas da atualidade. Fabi Bang, Malu Rodrigues e Hugo Bonemer, destaques, respectivamente, de *A Pequena Sereia*, *A Noviça Rebelde* e *Ayrton Senna, o Musical*, contam com novelas, séries e filmes na bagagem. Myra Ruiz, de *Chaplin*, acaba de gravar um seriado, enquanto Mateus Ribeiro, o Peter Pan, fez testes na Globo e aguarda sua chance. Reiner Tenente, do *MPB — Musical Popular Brasileiro*, também atua em dramas, concluiu o mestrado e investe na área acadêmica. Claudio Botelho, um dos principais diretores do gênero musical, afirma que houve uma mudança de perfil. “Nos anos 2000, a procura era por artistas mais ligados ao canto que à interpretação por causa da exigência das produções estrangeiras”, justifica. O mercado, por sua vez, se transformou e não sustenta tanta gente por longos períodos. A atriz Claudia Raia, que desde os anos 80 transita entre o teatro, a TV e o cinema, diz que o artista brasileiro deve se reinventar ou está perdido. “Essa geração entendeu que não cabe preconceito em relação a novelas ou filmes nacionais”, declara Claudia. “O fundamental para um ator é trabalhar, não importa se como protagonista ou coadjuvante.”





Fabi, sereia que canta e dança

Aos 7 anos, Fabi Bang assistiu a *Não Fuja da Raia* oito vezes. “Eu queria fazer um teatro que valorizasse canto e dança, como o da Claudia Raia, e, se fosse impossível no Brasil, iria morar fora”, conta a carioca de 33 anos, hoje um representativo nome da cena musical. A partir do dia 30, a atriz, bailarina e cantora enfrenta uma personagem icônica para sua geração: a princesa Ariel, do espetáculo *A Pequena Sereia*, versão do desenho da Disney. “Na infância, ouvia a trilha sonora sem parar, decorava as letras, mas acho que, na vida real, nunca me enquadrei no perfil de princesa”, brinca. Algumas superações pessoais foram necessárias para que a jovem se lançasse no palco. Três horas antes do teste para *O Fantasma da Ópera* (2005), a aspirante ao estrelato desabou com a notícia da morte do pai, de 71 anos, doente havia oito meses. “Ele não me perdoaria se desistisse e, mesmo abalada, dei tudo de mim na audição”, conta, emocionada. A consagração chegou em *Wicked* (2016), como a envolvente Glinda, acumulando fãs e sucesso nas redes sociais. Na reta final da temporada, um convite para a novela *Rock Story*, exibida pela Globo em 2017, levou Fabi a experimentar outra linguagem. “A televisão sempre me fascinou, principalmente as comédias, e não tenho medo de trabalho”, diz. A diretora e coreógrafa americana Lynne Kurdziel-Formato, responsável por *A Pequena Sereia*, endossa o comentário: “Ariel é um papel muito físico, e Fabi se mostra incomum, aberta a qualquer desafio, como reproduzir os delicados movimentos exigidos”.

A Pequena Sereia. Teatro Santander. Quinta e sexta, 21h; sábado, 16h e 20h; domingo, 15h e 19h. R\$ 75,00 a R\$ 280,00. A partir do dia 30.